

PONTOS DE MEMÓRIAS: ANÁLISE IMAGÉTICA DAS RELAÇÕES SOCIOESPACIAIS EM BARREIRAS/BA¹

Wendell Marcel Alves da Costa²

Resumo: Este trabalho tem por objetivo identificar os pontos de memórias afetivas na cidade de Barreiras/BA, afim de analisar a construção das relações socioespaciais das pessoas com as arquiteturas urbanas da cidade por meio das imagens urbanas na perspectiva do simbólico. O trabalho comporta temas como memórias, afetos, lugar, relações simbólicas, geografias-afetivas, tempo-espaço e narrativas da duração. A metodologia envolve a análise dos registros visuais e o diálogo com teorias da imagem fotográfica e da poética do espaço. Espera-se, a partir da análise e do entrecruzamento com os dados colhidos no campo, analisar um significante – permanência/fluxo – acerca dos pontos de memórias e das relações socioespaciais dos moradores com os lugares da cidade.

Palavras-chave: Memórias. Imagens. Relações socioespaciais. Barreiras-BA.

Abstract: This work aims to identify the points of affective memories in the city of Barreiras / BA, in order to analyze the construction of people 's socio - spatial relationships with the urban architectures of the city through urban images. The work includes themes such as memories, affectivities, place, symbolic relations, affective geographies, time-space and narratives. The methodology involves acting in the field, with interviews and audiovisual records. It is hoped, from the analysis and the cross-linking with the data collected in the field, to analyze a signifier - permanence / flow - about the memory points and the socio-spatial relations of the residents with the places of the city.

Key words: Memories. Images. Socio-spatial relations. Barreiras-BA.

¹ Este trabalho foi apresentado em formato de comunicação oral na oportunidade do 18º IUAES World Congress, em Florianópolis, durante o grupo de trabalho Cidades e Imagens: estudos etnográficos. Agradeço aos comentários das coordenadoras do GT, Cornelia Eckert e Ana Cecilia Silva, assim como à debatedora da sessão, Ana Luiza Carvalho da Rocha. Igualmente, sou grato aos comentários valiosos dos pareceristas da Revista NAUI. A versão publicada nesta revista sofreu modificações consideráveis em relação à primeira apresentada e publicada no congresso do IUAES.

² Mestrando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Cientista Social pela UFRN. Associado da Associação Brasileira de Antropologia e da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual. Integrante do Grupo de Pesquisa Linguagens da Cena: imagem, cultura e representação (CNPq). E-mail: marcell.wendell@hotmail.com.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em setembro de 2017 emigrei para uma cidade do sudoeste do estado da Bahia com a proposta de iniciar um novo trabalho. Natural de Natal-RN, cidade esta de paisagens planas e regimes de sociabilidades beirando aquelas das cidades médias nordestinas, como João Pessoa-PB e Recife-PE, descobri narrativas sociais de pertencimento em Barreiras-BA que representam dimensões simbólicas de sociabilidades entre as pessoas nesta cidade. Narrativas sociais como *“quem se banha no Rio de Ondas não sai mais da cidade”* ou *“tomou da água de Barreiras é pra ficar”*, e *“em Barreiras você pode encontrar alguém para sua vida”*, pareceram demonstrar situações de construção de sentidos de vivência arraigadas em valores tradicionais.

Nesta medida, tanto as paisagens urbanas (as barreiras, as arquiteturas e os desenhos em lugares específicos da cidade) quanto as formas de se relacionar dos grupos sociais e das pessoas, me pareciam, num primeiro momento, sobrepostas às tentativas de consentir um elemento central dos regimes de sociabilidade, como por exemplo, as relações matrimoniais.

No bojo desta circunscrição, este relato tem como proposta estabelecer, a nível de reflexão, as impressões visuais sobre o lugar-cidade de Barreiras, e os seus aspectos memoriais, afetivos e narrativos. Busca-se inferir uma análise interpretativa dos elementos socioespaciais, reiterando, ao mesmo tempo, a presença do pesquisador-estrangeiro. Como reflexão, no primeiro momento estabelecemos discussão inicial sobre os desenhos arquitetônicos, os regimes de sociabilidades, as narrativas de pertencimento e os processos de adaptação deste estudante de pós-graduação em antropologia social.

Este relato explora os dados colhidos no trabalho de campo a partir de duas posições analíticas: o primeiro na observação das paisagens e visualidades do espaço urbano da cidade, dando realce aos seus efeitos sócio-ambientais nos sujeitos e as arquiteturas memoriais contidas no centro histórico de Barreiras/BA, e o segundo momento na reflexão das narrativas sociais sobre os lugares que chamarei de pontos de memórias, lugares estes de intensa circulação de pessoas, e de pronunciada importância afetiva e emocional para os moradores de Barreiras. Logo, aqui, darei início a fragmentos colhidos durante a pesquisa de campo no âmbito das imagens sociais, para definir leituras circunscritas sobre memórias e afetividades em pontos da cidade de Barreiras.

Memórias e imagens: uma discussão antropológica urbana e dos sentidos

Neste relato o ofício do antropólogo (Oliveira, 2018) encontra espaço com as discussões sobre as visualidades e suas significações em estabelecimentos inéditos. Este trabalho, portanto, fala sobre a *transição do olhar* na dimensão do espaço urbano e as relações contidas neste lugar de reinvenção das práticas. Utilizo o termo *transição do olhar* porque as vivências, ou regimes de sociabilidades, em Natal-RN e nas outras cidades elencadas do nordeste brasileiro litorâneo, possuem semânticas diferentes das existentes na cidade aqui discutida, como a permanência do elemento tradicional religioso, na figura da força política e simbólica da religião católica no pensamento dos sujeitos e o cultural, como ficar sentado na calçada no fim de tarde “para falar da vida alheia”.

Esses costumes podem ser visualizados não apenas nos bairros periféricos ao centro de Barreiras, como também no próprio centro histórico da cidade, nas imediações do Cais e Porto, local onde turistas passeiam e os nativos tomam cerveja no bar do Vieirinha. O bar do Vieirinha é um lugar de encontros de moradores da cidade: estudantes universitários, professores, trabalhadores em geral da cidade, se sentam às mesas do Vieirinha que dividem o espaço com outros bares, definindo um genérico panorama da distinção social (mediante os preços das bebidas e dos alimentos dos bares) deste ponto de interações sociais.

A *transição do olhar* traduz uma dimensão central da antropologia urbana: o estranhamento. Como adendo, nos permitimos vislumbrar sentidos em relação ao espaço urbano como das interações existentes neste lugar de trocas simbólicas e conflitos sociais. A visão enquanto aprendizagem (Le Breton, 2016), ou os olhares com uma posição geográfica (Costa, 2016), circunscreve a *transição do olhar* a partir de um referencial admissional do imagético simbólico. Mudar o olhar no aspecto da paisagem é introduzir no imaginário, na elaboração conceitual do espaço urbano da cidade, a admissão de novos códigos, símbolos e narrativas daquele lugar.

A cidade enquanto preeminência da modernidade revela sentidos e noções das generalizações da vida cotidiana, sendo aqui o olhar de estranhamento um dispositivo injuntivo da relação entre o passado e o presente. Nesses termos, enquanto que a metrópole reserva o arsenal multicultural e simbólico, as pequenas cidades preservam aquilo que se transforma temporalmente e espacialmente no decorrer da vida econômica e social diária.

Apesar de o modernismo poder ser claramente identificado como um movimento distinto, com sua distância deliberada e seu desafio às formas mais tradicionais de arte e do pensamento, ele é também fortemente caracterizado por sua diversidade interna de métodos e ênfases: uma inquieta e com frequência diretamente competitiva sequência de inovações e experimentos, sempre mais imediatamente reconhecida pela ruptura que realiza com o passado do que com a ruptura que realiza em direção ao futuro (Williams, 2011, p. 19).

No entendimento da cidade enquanto unidade da modernidade, compreende-se os lugares da cidade como espaços produzidos pelas interações sociais entre as pessoas e os grupos sociais. Como definiu Augé (2008), existem não-lugares, lugares de fluxo e de renovação das suas identidades. Relph (2012) denota o espírito, a essência e a emergência do lugar. Certeau (2014) elabora as metáforas memoriais e infantis do lugar. Os lugares não são neutros e carregam afetos gerenciados pelas lógicas de sociabilidades. Nesses lugares, segundo suas delimitações territoriais, apresentam-se o que podemos chamar *lugar-cultura* (em lembrança opositiva à Lipovetsky³ e seu conceito de cultura mundo), espaço agregador de fluxos, dinâmicas, trajetos (Costa, 2018). Como defende Bachelard (1993), em sua poética do espaço, a casa e os cantos têm uma significação, e também uma dimensão imagética sublinhada na construção simbólica dos seus espaços de subjetividade, assim, lugares afetivos vivenciados.

Da mesma forma, as arquiteturas com suas cores, desenhos, palhetas desgastadas, espaços não mais usados, presentes nestes espaços urbanos, congregam memórias afetivas. Nosso ponto é: qual o estado - de existência - para a relação dos sujeitos com estes espaços arquiteturais urbanos? Que espécie de afetos, emoções e sentimentos os moradores possuem com estes espaços? Como pensar questões, que parecem caminhar na direção das interações sujeitos-espaços, elaborando o significante *permanência-fluxo*?

Caminhar pela cidade, lançando mão da possibilidade de olhar a cidade por diferentes perspectivas, livres, não receosas, com o objetivo de se perder, deixar-se levar pelas ruelas, becos, odores, cheiros, sabores, como definem Magnani (2008), Velho (2013) e Hannerz (2015), é nossa proposta de trabalho. Perder-se na cidade como uma antropologia das sensações sensíveis: o medo, a angústia, a procura, a busca, a localização. Isto posto, a atividade de caminhar pela cidade não deverá investir na representação de personagem *voyeur*, dirigindo-se para além da observação de uma cidade-panorama, “escapando às totalizações imaginárias do olhar, existe uma estranheza do cotidiano que não vem à superfície, ou cuja superfície é somente um limite avançado, um limite que se destaca sobre o visível” (Certeau, 2014, p. 159).

³ Ver Lipovetsky (2011).

Desse lado, Certeau teoriza sobre o aspecto do caminhar pela cidade na acepção de figurações oníricas diretivas do simbolismo urbano. Em suas palavras:

Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio. A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social da privação de lugar – uma experiência, é verdade, esfarelada em deportações inumeráveis e ínfimas (deslocamentos e caminhadas), compensada pelas relações e os cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano, e posta sob o signo do que deveria ser, enfim, o lugar, mas é apenas um nome, a Cidade (Certeau, 2014, p. 170).

Sempre me interessei em saber como os *mapas mentais* de uma cidade desconhecida se constroem na mente dos sujeitos: excluindo-se as tecnologias de geolocalização atuais, os referenciais das formas clássicas de reconhecimento dos lugares da cidade são os pontos de localização espaciais (por exemplo, as padarias, praças, sorveterias, igrejas), que só são encontrados pela atividade do caminhar. Os pontos de localização espaciais são, na verdade, lugares de intenso fluxo de idas e vindas⁴ dos moradores de Barreiras, como a Praça das Corujas, a Igreja São João Batista, a sorveteria Zorzo, o supermercado Sacola Cheia, o bar do Vieirinha e o edifício Charme Modas.

Esses espaços estão localizados na região central da cidade, numa região histórica, sendo muitos destes prédios datados das décadas de 80 e 90 do século XX. Logo, os pontos de localização são também pontos de memória.

Na cidade de Barreiras, muitos prédios apresentam estar em situação de reforma. Alguns estão fechados há décadas, contudo, não há projeto de revitalização ou de tombamento. Neste sentido, há uma direção à preservação dos prédios ainda erguidos e, ironicamente, das ruínas que desenham as ruelas da região do Cais e Porto. Este elemento *permanência-fluxo* nos interessa, sobretudo os sentidos dos moradores sobre esses espaços arquiteturais de valor simbólico para a cidade que dá entradas para o conceito de patrimônio cultural.

Pesquisas profundas sobre patrimônio cultural tem revelado o lado político e sistemático de modificação da paisagem urbana e da crise em torno da memória de Salvador (Serra, 2016), os usos e contra-usos do espaço urbano em detrimento do imaginário da “cidade deseja” do Recife e sua intensa reestruturação urbana que gera gentrificação (Leite, 2002; Bompastor, 1998), e a rememoração em torno do sentido da cultura material a partir dos processos de construção de narrativas audiovisuais na cidade de Matarandiba (Firmo, 2016).

⁴ Como diria Montoya Uriarte (2016, p. 28), “a imagem mental de rua é recorrentemente uma de trânsito (de pessoas, de coisas, de mercadorias, de veículos, de serviços etc.) e de multidão”.

Nos apoiamos no conceito de Firmo (2016, p. 224) de patrimônio cultural, que para ele “o patrimônio diz respeito às pessoas que vivem ou viveram em determinada localidade; às formas com que se relacionaram entre si e com outros grupos, com a imaterialidade e materialidade a seu redor; às suas percepções de mundo”. Dessa forma, relacionando duas modalidades de construção simbólica da cidade – patrimônio urbano e patrimônio cultural – e as intersecções pertinentes no âmbito da figura memorial do patrimônio:

A cidade desempenhou o papel memorial de monumento: objeto paradoxalmente não elevado a esse fim, e que, como todas as aldeias antigas e todos os estabelecimentos coletivos tradicionais do mundo, possuía, em um grau mais ou menos restrito, o duplo e maravilhoso poder de enraizar seus habitantes no espaço e no tempo (Choay, 2017, p. 181).

Nossa proposta de patrimônio cultural aproxima o cruzamento entre cidade e memória social através das imagens dos desenhos arquitetônicos que fabricam o imaginário urbano da cidade. O patrimônio cultural é essencialmente imagético, quando em contato com o patrimônio urbano, pois as relações sociais se fazem na vivência com o lado material dos objetos e espaços ao redor da casa, da rua, do bairro, da cidade. Tomar o conceito da tendência da imagem como testemunho ocular da memória urbana da cidade, por meio dos espaços edificados (Choay, 2017), é possibilitar vislumbrar as imagens como evidência histórica das vistas externas da cidade em fluxo na modernidade (Burke, 2017).

No que diz respeito à história da cultura material, o testemunho de imagens parece ser mais confiável nos pequenos detalhes. Ele é particularmente valioso como evidência da arrumação dos objetos e de seus usos sociais, não tanto a lança, ou garfo, ou livro em si, mas a maneira de empunhá-los. Em outras palavras, imagens nos permitem reinserir velhos artefatos no contexto social original (Burke, 2017, p. 153).

Somos devedores de Burke (2017) da perspectiva histórica do uso de imagens para os estudos urbanos em arquiteturas memoriais que representam fachadas, ruínas e lugares na cidade. Por meio de uma antropologia histórica das imagens podemos interpretar a presença do simbólico e do alegórico no patrimônio urbano que se atualizam na temporalidade dos corpos dos sujeitos caminantes da cidade. Nesse sentido, as imagens são “testemunhas dos estereótipos, mas também das mudanças graduais, pelas quais indivíduos ou grupos vêm o mundo social, incluindo o mundo de sua imaginação” (Burke, 2017, p. 275). Assim, partiremos de uma *antropologia do pequeno* das fachadas e dos detalhes das frentes das casas para uma antropologia urbana dos pontos de memória de Barreiras na estrutura da imaginação simbólica.

Fachadas, ruínas e lugares: uma análise imagética das relações socioespaciais

O estudo das fachadas de prédios antigos busca relacionar as arquiteturas e os sentidos fabricados a nível cultural sobre a construção de espaços construídos para fins de habitação ou comércio. Neste seguimento, os desenhos e os traçados das fachadas, sobretudo na regularidade dos ângulos, na diversidade das cores e proporcionalidades arquitetônicas, carregam sentidos para quem reside ou ocupa o ambiente e para os moradores das localidades circunvizinhas da região de uma cidade (Coelho Neto, 1997).

Estes sentidos são geradores de sensações de pertencimento no lugar-cultura, na relação microsocial entre os moradores dos bairros que contribuem para elaborar narrativas sociais dos moradores dos espaços e suas fachadas. Além dos sentidos de pertencimento, representados por narrativas de moradores da região do centro de Barreiras, ocorre a dimensão da invisibilidade das formas de instituição da preservação espacial de prédios historicamente *reativos*. Em outras palavras, apesar de existir a produção de crônicas e causos sobre a história cultural dos espaços prediais, na produção destas mesmas narrativas alguns espaços são deixados de lado em razão de seu poder que prefigura uma ordem do fora-da-paisagem.

O sentido de prédios *reativos* é, em primeira instância, a preservação do espaço predial, que gera uma ordem simbólica ao lugar situacional. Em seguida, a *reatividade* destes espaços prediais desloca seu potencial simbólico para o lugar, seja uma praça, uma área de lazer ou, em casos isolados, a continuidade de casas abandonadas em uma rua. O espírito dos prédios abandonados, portanto, é, em terceira e última instância, significação da *reatividade* do Outro sob as formas elementares de formalização dos espaços prediais abandonados em relação ao seu desuso, ou seja, “estar lá por equívoco”, podendo dar “lugar a outro prédio”.

Este último elemento, como podemos perceber, é contribuição das narrativas sobre o espaço urbano para gerar um espírito para o lugar. A *reatividade* dos prédios abandonados, não vivenciados, em seu sentido de sociabilidade – lazer, religioso, comercial –, torna periférico ou supervalorizado um lugar. O termo *reatividade* coloca a ação das práticas de enunciação dos sujeitos sobre os espaços não vivenciados no centro da cidade; o nome *reatividade*, na influência proposta por Lazarus (2017), é o puro exercício do pensamento antropológico, no uso atributivo de uma ciência viva (Bachelard, 1985).

Vamos propor algumas abordagens analíticas. A figura abaixo representa um espaço, com fachada “não tradicional de moradia”, em uma rua da cidade de Barreiras. A casa revela sentido

de *reatividade* ocasional, dito de outro modo, é agressiva aos espaços ao redor, de presença marcante de prédios recentes e monocromáticos. Esta casa de tijolos artesanais, fazendo ligação com uma possível poética do espaço, desdobra-se na casa do eremita, misteriosa, de espiritualidade imagética e espacial. Casebre de resistência, visivelmente vivenciada, estampa em sua fachada uma orquídea em tecido sujo, mas colorido, com janelas angulares, telhas desgastadas, em sua extremidade apodrecidas. Nesta mesma rua, prédios monocromáticos espremidos ignoram espacialmente a presença marcante do casebre cor de areia barroca.

Figura 1 – Casa de tijolos artesanais.



Fonte: o autor (2017).

Abaixo temos exemplos das fachadas de prédios históricos que possuem sentidos diferenciados dos já apresentados aqui. O uso para fins comerciais, como farmácias e escritórios de contabilidade ressoam na usabilidade frente ao visível desbotamento dos prédios. Os desenhos arquitetônicos angulares estão preservados, a tinta resiste ao tempo e as grades nas janelas evidenciam o elemento *permanência-fluxo* dos espaços arquiteturais: a permanência de formas histórico-estéticas, e o fluxo para dimensões de vigilância e segurança – na figura das grades. O detalhe das fachadas mostra a figura mais alta deste espaço arquitetural, que se

emaranha com os fios de eletricidade que cortam o centro de Barreiras e violentam a estabilidade das formas espaciais destes locais.

Figura 2 – Fachadas de prédios históricos.



Fonte: o autor (2018).

Perguntamo-nos em que ponto coexistem regimes de sociabilidades de grupos sociais de velhos e jovens-jovens nestes espaços afetivos-históricos. A partir do elemento *permanência-fluxo*, os regimes de afetos são proporcionais às dinâmicas identitárias dos sujeitos. Por exemplo, na figura 3 temos o preservado Coreto na Praça Duque de Caxias, no centro da cidade: espaço de histórias e afetividades de sujeitos velhos; também figura o prédio histórico hoje residência para o SENAC de Barreiras, no Cais e Porto, onde anteriormente ocupavam as atividades do bar Trapiche – lugar de jovens, hoje velhos.

Como espécie de ressignificações, o direito à cidade e suas reformulações de uso e desuso – que também possui valor simbólico da prática social –, nos casos do Coreto e do antigo bar Trapiche, no centro cultural e histórico da cidade, reordena as práticas sociais em lugares sofridos por mudanças urbanas acionadas por regimes de sociabilidades distintos. O

espaço quase-nunca-vivenciado do Coreto pode ser considerado como um “espaço comum” (Costa, 2017), sendo, em vias políticas, um lugar de resistência frente à reestruturação urbana e a convencionalidade da transição para a mobilidade irrefreável por qual passa Barreiras em seu contexto contemporâneo.

Figura 3 – Coreto na Praça Duque de Caxias e prédio do Cais e Porto (Trapiche).



Fonte: o autor (2018).

Figura 4 – Ruínas de antigo abatedouro.



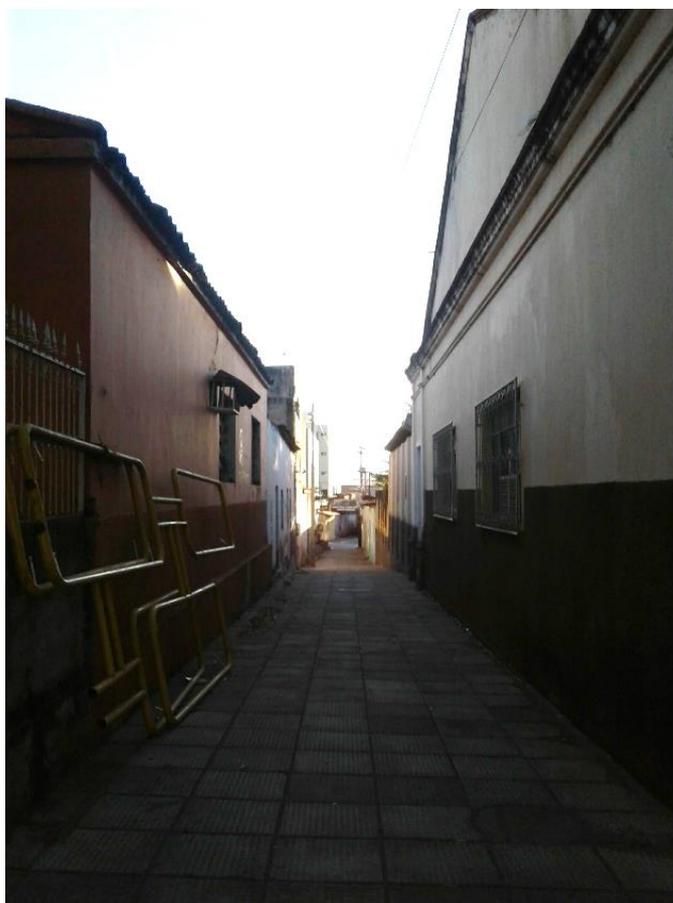
Fonte: o autor (2017).

As ruínas ocupam um lugar de *reatividade* na cidade de Barreiras, não apenas por estarem em regiões longe do Centro, mas porque congregam ressonâncias de uma cidade que transita entre a tradição e a inovação. Singularmente, as ruínas são pontos de memórias, mas não podemos considerá-los pontos de localização, tendo em vista que, em destaque, pontos de

localização estão situados em regimes de lugaridades, ou seja, vivenciados, praticados e mobilizados para ações cotidianas urbanas.

O consumo do espaço infere se este possui ou não viés de localização, portanto, de lugar, no “espaço comum” da cidade. A *reatividade* das ruínas na cidade de Barreiras evidencia o distanciamento das relações socioespaciais, como já dissemos, de formalização dos espaços prediais abandonados em relação ao seu desuso, ou seja, “estar lá por equívoco”, podendo dar “lugar a outro prédio”. A *reatividade* das ruínas é a mistificação da sua história, inversão dos seus cantos, artefatos, objetos; a luz adentra o teto, mas não clarifica o submundo do porão, apesar do sótão estar iluminado pela luz do sol. Além disso, o elemento da fronteira entre bairros periféricos e bairros do centro histórico, onde estão presentes os espaços prediais vivenciados, distancia ainda mais as ruínas, que figuram como evidência de imagens históricas, deslocadas do referencial da construção de mapas mentais.

Figura 5 – Beco do Padre.



Fonte: o autor (2017).

A figura 5 é um *espaço total das fabulações*⁵ discutidas até aqui. O Beco do Padre possui narrativa sócio-histórica, afetiva e simbólica para a região do centro. O Beco do Padre interliga a praça da Igreja São João Batista à ponte que leva até a rodoviária da cidade. Passei algum tempo observando o ir e vir⁶ neste “espaço comum”, na tentativa de justificar uma usabilidade situacional dos sujeitos que residem nas proximidades do Centro e aqueles que cortam caminho para o trabalho.

O espaço destina-se aos transeuntes, embora motociclistas esgueiram-se na passagem pelo Beco. Neste espaço, casas apertadas brigam por uma dobra para estacionar carros e bicicletas. Na frente das casas um prédio abandonado resiste ao pronunciado sistema das novas moradias; como lugar-passagem⁷, o Beco do Padre delimita uma fenda de fluxo de sujeitos, levando-os até a primeira Sorveteria Zorzo, ao Banco do Brasil, a Igreja de São João Batista e o Cais e Porto, por um lado; e dirigindo-os à ponte que leva ao bairro Barreirinhas, ao Ponto de Cultura – Flor de Trovão, a rodoviária da cidade, o IFBA-Barreiras e outras instituições de ensino, do outro lado. Contudo, não se configura como não-lugar, de passagem, mas como lugar, de moradia, trabalho e lazer. Assim, existe um múltiplo sentido de referência do Beco do Padre: passagem, moradia e ponto de localização. No último termo, a funcionalidade do Beco serve tanto para passagem quanto para localização dos sujeitos, sendo ativadas por metamorfoses espaço-temporais.

⁵ Queremos dizer por *fabulações* uma aventura imaginária sobre as histórias das fachadas, das ruínas e dos espaços prediais que resguardam alegorias do patrimônio urbano e do patrimônio cultural da cidade de Barreiras. Autores como Bachelard, Durand, Ricoeur e Corbin são cânones dos estudos do imaginário, e nos permitem investigar os fenômenos da vida cotidiana a partir do simbólico e da imaginação contidos na produção do espaço urbano.

⁶ Ou, como diria Certeau (2014, p. 165), “essa localização (*cá-lá*) necessariamente implicada pelo ato de andar e indicativa de uma apropriação presente do espaço por um ‘eu’ tem igualmente por função implantar o outro relativo a esse ‘eu’ e instaurar assim uma articulação conjuntiva e disjuntiva de lugares”.

⁷ Magnani (2012, p. 96) chamou de *pórticos* “espaços, marcos ou vazios na paisagem urbana que configuram passagens. Lugares que já não pertencem à *mancha* de cá, mas ainda não se situam na de lá; escapam às regras e sistemas classificatórios de uma e outra e, como tal, apresentam a ‘maldição dos vazios fronteiros’”. Aqui, utilizamos o termo lugar-passagem para remeter ao espaço total de *fabulações*, não na paisagem urbana da cidade, mas no lugar específico como lembrança ao estatuto da fronteira. O lugar-passagem, acreditamos, consegue ser simbólico e usual na vida cotidiana. Contudo, não nos opomos ao conceito de *pórtico* de Magnani, nem tão menos ao de não-lugar de Augé, sendo que este último guarda outras significações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aspecto do espaço predial como memória existe porque as relações dos sujeitos com os espaços da cidade produzem o exercício das narrativas e a pronúncia dos discursos sociais. Os espaços vivenciados produzem lugares de passagem ou de moradia. Como pontos de memórias entendemos espaços gerados por regimes de sociabilidades dissidentes, na medida em que carregam sentidos oriundos das afetividades particularizadas nas práticas identitárias. A localização como pontos de memórias, criada por meio de *mapas mentais* na cidade, sistematizam os sentidos sobre os espaços, de lugar-passagem e de moradia.

Referências

- AUGÉ, M. **Não-Lugares** – Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade. Campinas: Papyrus Editora, 2008.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BACHELARD, G. **O novo espírito científico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- BURKE, P. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: Editora Unesp, 2017.
- COELHO NETO, J. T. **A construção do sentido na arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- COSTA, W. M. A. Estetização da violência e construção do lugar-espetáculo no documentário *Em busca de um lugar comum*. **CIDADES, comunidades e territórios**, Lisboa, n. 37, dez., pp. 33-44, dez., 2018. DOI: 10.15847/citiescommunitiesterritories.dec2018.037.art03.
- COSTA, W. M. A. Memórias, narrativas políticas e dicotomias da cidade: olhares fílmicos sobre Recife-PE. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 18, n. 45, pp. 238-268, ago./dez., 2017. DOI: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.79133>.
- COSTA, W. M. A. Olhares sobre a cidade e as narrativas fílmicas do espaço urbano. In: II Encontro de Antropologia Visual da América Amazônica, Belém. **Anais eletrônicos...** Belém: UFPA, 2016.
- FIRMO, F. "Cultura e suas demandas pela patrimonialização: sentidos para a antropologia (visual)". In: MONTOYA URIARTE, U e MACIEL, M. E (Orgs.). **Patrimônio, cidades e memória social**. Salvador: EDUFBA: ABA, 2016, pp. 211-229.
- HANNERZ, U. **Explorando a cidade: em busca de uma antropologia urbana**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.
- LAZARUS, S. **Antropologia do nome**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- LE BRETON, D. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2016.
- LEITE, R. P. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, junho, 2002.
- LIPOVETSKY, G. **A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MAGNANI, J. G. C. "Quando o campo é a cidade: fazendo Antropologia na metrópole". In: _____, e TORRES, L. L. (Orgs.). **Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana**. São Paulo: EDUSP, 2008, pp. 12 – 52.
- MAGNANI, J. G. C. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

- MONTOYA URIARTE, U. “Rua e ruas: imagens, leituras e etnografias”. In: MONTOYA URIARTE, U e MACIEL, M. E (Orgs.). **Patrimônio, cidades e memória social**. Salvador: EDUFBA: ABA, 2016, pp. 27-51.
- OLIVEIRA, L. R. C. “O ofício do antropólogo: ou como desvendar evidências simbólicas”. In: **Desvendando evidências simbólicas: compreensão e conteúdo emancipatório da antropologia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2018, pp. 17-37.
- RELPH, E. “Reflexões Sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar”. In: MARANDOLA JUNIOR, E., HOLZER, W. e OLIVEIRA, L. (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- SERRA, O. “A memória em crise na cidade de Salvador”. In: MONTOYA URIARTE, U e MACIEL, M. E (Orgs.). **Patrimônio, cidades e memória social**. Salvador: EDUFBA: ABA, 2016, pp. 123-139.
- VELHO, G. **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana**. In: VIANNA, H., KUSCHNIR, K. CASTRO, C. (Orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- WILLIAMS, R. “Percepções metropolitanas e a emergência do modernismo”. In: **Política do modernismo: contra os novos conformistas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011, pp. 9-25.